



DO DISCURSO RETÓRICO À MEDIAÇÃO DIALÓGICA: Uma reflexão sobre a prática

Samuel H. da SILVA¹; Brenda A. B. da SILVA²; Luiz Augusto F. dos REIS³; Taísa M. S. de OLIVEIRA⁴; Carlos Alberto PEREIRA⁵; Fredy C. RODRIGUES⁶

RESUMO

Este estudo investiga as práticas discursivas adotadas por licenciandos em Matemática do PIBID-IFSULDEMINAS, durante uma aula sobre equações do 1º grau, com o objetivo de romper com o modelo expositivo retórico tradicional. A partir da técnica da autoscopia, foram analisadas as interações entre os pibidianos e alunos do 7º ano, buscando identificar elementos que aproximem a condução da aula dos modelos expositivos socrático e dialógico com características dialéticas, conforme tipologia proposta por Monteiro e Teixeira (2019). Os dados revelam iniciativas como abertura para participação espontânea dos estudantes, uso de linguagem próxima à realidade discente e mediação discursiva que valoriza a autoria estudantil. As falas dos bolsistas demonstram consciência da interação como ferramenta de construção coletiva do conhecimento. O estudo reforça o papel da autorreflexão na formação inicial de professores e destaca o potencial transformador das práticas discursivas no ensino de Matemática.

Palavras-chave: Ensino de matemática; Prática reflexiva; Prática discursiva; Autoscopia; Formação inicial docente.

1. INTRODUÇÃO

No ensino da Matemática, torna-se necessário adotar práticas pedagógicas que estimulem a participação ativa dos estudantes e promovam um aprendizado significativo. Embora as aulas expositivas sejam frequentemente associadas à transmissão unilateral, elas podem assumir papel relevante quando o professor diversifica suas estratégias discursivas e valoriza a construção compartilhada do conhecimento (Rodrigues, 2023).

A literatura especializada apresenta uma tipologia refinada para a condução de aulas expositivas, que se diferencia pelo grau de envolvimento dos estudantes na construção do conhecimento. O modelo **retórico**, mais tradicional, é caracterizado pela predominância do discurso do professor, que estabelece uma linha argumentativa fechada, restringindo a participação dos alunos e limitando sua atuação a uma escuta passiva. Em oposição a essa configuração, os autores propõem o modelo **socrático**, em que o professor mobiliza o raciocínio dos estudantes por meio de perguntas encadeadas, provocando reflexão e justificativa de ideias, embora ainda conduza a sequência discursiva. Já a aula **dialógica com características dialéticas** representa o estágio mais avançado da tipologia: nela, a mediação docente estimula o confronto produtivo entre diferentes ideias, valoriza o

¹Bolsista PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: samuel3.silva@alunos.if sulde minas.edu.br

²Bolsista PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: brenda.barros@alunos.if sulde minas.edu.br

³Bolsista PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: luiz3.reis@alunos.if sulde minas.edu.br

⁴Bolsista PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: taisa.oliveira@alunos.if sulde minas.edu.br

⁵Bolsista Supervisor PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: karzal@hotmail.com

⁶Bolsista Coordenador PIBID/Capes, IFSULDEMINAS – Campus Passos. E-mail: fredy.rodrigues@if sulde minas.edu.br

erro como recurso pedagógico e posiciona os alunos como coautores do processo de aprendizagem. Nesse ambiente interativo, o professor deixa de ser a única fonte de saber e passa a compartilhar com os estudantes a responsabilidade pela construção do conhecimento matemático. Esses modelos, quando aplicados de forma consciente e contextualizada, favorecem o protagonismo discente e tornam a prática pedagógica mais significativa (Monteiro e Teixeira, 2019; Rodrigues, 2023).

Este estudo tem como objetivo analisar as práticas discursivas empregadas por licenciandos do PIBID (Licenciatura em Matemática do IFSULDEMINAS -Campus Passos) na condução de uma aula expositiva sobre equações do 1º grau com estudantes do 7º ano. Busca-se identificar elementos que indiquem alinhamento ou distanciamento ao modelo expositivo retórico tradicional, contribuindo para reflexões sobre a formação docente e o papel da mediação discursiva no ensino da Matemática.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Com foco na abordagem qualitativa, o estudo configura-se como um exercício de prática reflexiva (Schön, 1983) e contou com a participação de quatro bolsistas do PIBID da Licenciatura em Matemática do IFSULDEMINAS – Campus Passos. A investigação foi guiada pela questão de pesquisa: “Quais elementos, evidenciados pela autorreflexão dos pibidianos por meio da técnica da autoscopia, distinguem a aula de equações do 1º grau por eles conduzida do modelo expositivo retórico tradicional?”

Para a coleta de dados, foi realizada a videografia integral de uma aula ministrada pelos bolsistas do PIBID junto a uma turma do 7º ano da Escola Estadual Dulce Ferreira de Souza. Utilizou-se um dispositivo móvel estrategicamente posicionado, com o objetivo de registrar com fidelidade tanto as exposições dos licenciandos quanto as interações dos estudantes durante a atividade. Em seguida, os quatro participantes reuniram-se em uma sessão conjunta de autoscopia (Sadalla & Larocca, 2004), conduzida pelos dois últimos autores deste estudo, na qual revisitaram coletivamente o vídeo da aula. Essa sessão foi gravada em áudio e orientada por um roteiro semiestruturado de perguntas, possibilitando aos bolsistas refletirem sobre suas ações discursivas e práticas pedagógicas.

O conteúdo da gravação foi transscrito integralmente e combinado com as anotações de campo realizadas durante a intervenção, garantindo a triangulação dos dados. A análise mapeou falas e ações discursivas que evidenciam o distanciamento da prática realizada pelos bolsistas do formato expositivo retórico tradicional, conforme fundamentado na literatura. Para assegurar a fidedignidade das interpretações, foi adotado o procedimento de validação por membro, que consistiu na devolutiva aos pibidianos para revisão das categorias e confirmação dos sentidos atribuídos. Todos os protocolos adotados observaram rigorosamente as normas éticas exigidas em pesquisas com seres humanos, incluindo o consentimento livre e esclarecido, bem como o resguardo do anonimato e da confidencialidade dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados por meio da técnica da autoscopia evidenciou que, em diversos momentos da intervenção pedagógica, os pibidianos promoveram interações que os afastaram da estrutura da aula expositiva retórica e os aproximaram de práticas discursivas mais dialógicas e socráticas. Segundo Monteiro e Teixeira (2019), a aula expositiva retórica se define pela predominância do discurso docente, em que o professor constrói uma linha argumentativa fechada e o aluno assume papel passivo. Os registros analisados, no entanto, apontam para posturas de mediação que rompem essa centralidade e criam espaços significativos de participação.

Um primeiro indicador dessa ruptura apareceu na fala dos bolsistas ao afirmarem que “*cedemos espaço para os alunos interagirem, seja dando opiniões e até mesmo indo até o quadro e resolvendo exercícios, sem obrigatoriedade.*” Essa postura revelou não apenas uma abertura comunicativa, mas a valorização da espontaneidade e da autoria dos estudantes, afastando-se da rigidez da aula retórica. O fato de os alunos serem convidados, mas não obrigados, a se expressarem configura uma aproximação com a aula expositiva socrática, na qual o docente provoca o raciocínio por meio do diálogo guiado e perguntas encadeadas, mesmo que mantenha o controle da sequência discursiva.

No desenvolvimento da aula, os bolsistas destacaram episódios em que “*os alunos começaram a interagir tanto verbalmente quanto indo até o quadro e resolvendo exercícios... da maneira que eles quisessem.*” Essa liberdade metodológica sinaliza a transição para características de uma aula expositiva dialógica com traços dialéticos, conforme descrito por Monteiro e Teixeira (2019). Ao permitir que os alunos construam soluções próprias e interajam sem intromissão direta do professor, os pibidianos favorecem o confronto de ideias, abrindo espaço para que os erros não sejam reprimidos, mas sim explorados como oportunidades de aprendizagem coletiva.

Outra fala significativa apareceu quando os licenciandos relataram que “*alguns [alunos], mesmo não respondendo exercícios no quadro ou respondendo para nós, não deixaram de dar ‘pitacos’ na resolução dos colegas.*” Tal observação revela a existência de um ambiente propício à participação indireta, mas engajada. A intervenção de pares durante a resolução de problemas indica que os estudantes se sentem confortáveis para contribuir, mesmo sem formalidade, característica que aponta para uma prática de coautoria discursiva, elemento fundamental da aula dialética em que ideias se chocam, se negociam e se complementam.

Os bolsistas também indicaram o esforço em adaptar sua linguagem para uma maior conexão com os alunos: “*tentamos entrar o máximo na realidade dos alunos, seja na linguagem, nas brincadeiras, gírias e gostos adotados pela geração.*” Esse movimento em direção ao universo simbólico dos discentes dialoga diretamente com o tipo de aula expositiva dialógica proposto por Monteiro e Teixeira (2019), na qual a mediação se dá por meio da valorização das experiências dos

estudantes, tornando o ensino mais significativo e contextualizado. Ao aproximar-se do repertório sociocultural dos alunos, os professores-bolsistas ultrapassam o formato retórico e posicionam-se como facilitadores de um processo construído coletivamente.

Por fim, os bolsistas demonstraram consciência crítica sobre os limites da prática docente ao reconhecerem que “*a interação com os alunos se aperfeiçoará na medida que formos adquirindo experiência.*” Essa reflexão denota uma perspectiva formativa que se alinha ao princípio da aula socrática, pois, assim como Sócrates estimulava o autoconhecimento por meio do diálogo, os pibidianos iniciaram um processo de autorreflexão sobre sua própria atuação. Ao fazerem esse movimento de revisão, não apenas se afastaram do modelo tradicional, como também integraram o erro e a dúvida como partes constitutivas da prática pedagógica.

4. CONCLUSÃO

Em síntese, os dados revelam que, embora a aula ainda contenha traços do modelo expositivo tradicional, especialmente nos momentos de maior dispersão e baixa participação, a condução dos pibidianos evidenciou esforços conscientes de mediação, escuta e abertura dialógica. A experiência conduzida pelos licenciandos do PIBID revelou avanços significativos na construção de práticas pedagógicas que rompem com a lógica da aula expositiva retórica e incorporam elementos de mediação dialógica e socrática. Ao promoverem interações que valorizam a escuta, a participação e a autoria discente, os pibidianos demonstraram não apenas capacidade de aplicar metodologias inovadoras, mas também de refletir criticamente sobre suas próprias escolhas didáticas.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à CAPES pelo apoio financeiro concedido na realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga Monteiro; TEIXIERA, Odete Pacubi Baierl. Contextos argumentativos e processo interativos em sala de aula. In: BOZELLI, Fernanda Cátia; TEIXEIRA, Odete Pacubi Baierl. **Contexto argumentativos e discursivos no Ensino de Ciências**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 27-44.

RODRIGUES, Fredy. Coelho. **Da argumentação à prova: produção e avaliação de argumentos matemáticos produzidos por alunos ingressantes em um curso de formação de professores**. 315f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista. Bauru, SP, 2023.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; LAROCCA, Priscila. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 417–433, 2004.

SCHÖN, Donald A. **The reflective practitioner: how professionals think in action**. New York: Basic Books, 1983.